

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

ILUSTRAÇÕES de Ligia Camolesi Guimarães

TRADUÇÃO de Rafael Oliveira

LEWIS CARROLL

TORÇILHAS
FABULOUS CLASSICS

Rio de Janeiro, 2024

SUMÁRIO

Tudo pronto para mergulhar na toca do Coelho?, VI

1. Na Toca do Coelho, 2
2. Piscina de Lágrimas, 12
3. Uma corrida de membros e um longo conto, 22
4. O Coelho envia uma pequena conta, 30
5. O Conselho da Lagarta, 40
6. Porco e Pimenta, 50
7. Um Chá Muito Louco, 62
8. O Jogo de Croqué da Rainha, 74
9. A História da Tartaruga Falsa, 84
10. A Quadrilha da Lagosta, 94
11. Quem roubou as tortas?, 106
12. A evidência de Alice, 116


Sobre o Autor, 125





1

NA TOCA DO COELHO



Alice estava ficando muito cansada de ficar no banco, sentada ao lado de sua irmã, sem ter nada para fazer. Havia espreitado o livro que a mais velha estava lendo algumas vezes, mas ele não possuía figuras, tampouco diálogos.

Para que serve um livro sem imagens ou conversas? Pensou Alice.

Então, ela considerava (tão bem quanto podia, tendo em vista que o dia quente a fazia se sentir sonolenta e tola) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e ir colhê-las, quando, de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Não havia nada de muito espantoso nisso; nem Alice considerou *muito* fora do comum ouvir o Coelho dizer para si mesmo:

— Ó não! Ó não! Estou muito atrasado!

Quando ela refletiu sobre isso depois, ocorreu-lhe que deveria ter se chocado, mas na hora tudo pareceu muito natural. Contudo, quando o Coelho *tirou um relógio de bolso do colete*, olhou para ele, e então se apressou, Alice ficou de pé, pois se deu conta de que nunca havia visto um coelho vestindo colete, e muito menos com um relógio para tirar do bolso. Morrendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, e o alcançou bem a tempo de vê-lo pular em uma grande toca sob a sebe.

No instante seguinte, Alice foi atrás, sem sequer considerar como sairia dali.

Ao entrar na toca do coelho, Alice parecia estar num túnel, mas logo em seguida mergulhou, sem tempo para pensar em parar antes de se encontrar caindo em um poço que parecia não ter fim.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito lentamente, pois conforme descia, Alice teve tempo suficiente para olhar ao redor e refletir sobre o que aconteceria em seguida. Primeiro, ela tentou olhar para baixo a fim de entender o que a esperava, mas a escuridão não permitia que enxergasse qualquer coisa. Então, seus olhos se voltaram para os lados do poço, e pôde ver que eles estavam cheios de armários e estantes; era possível encontrar mapas e imagens pendurados.



Enquanto caía, Alice pegou um pote de uma das prateleiras, rotulado de “GELEIA DE LARANJA”; mas, para sua decepção, estava vazio. Por medo de matar alguém, ela não deixou o frasco cair, conseguindo colocá-lo em um dos armários pelos quais passou.

Bem, pensou Alice, depois de uma queda como esta, rolar escada abaixo não parece nada! Eles me acharão tão corajosa em casa! Mas claro que eu não diria nada sobre isso, mesmo se caísse do telhado de casa!

O que provavelmente era verdade.

Descendo, descendo, descendo. A queda *nunca* chegaria ao fim?

— Quantos quilômetros percorri até agora? — disse Alice em voz alta. — Já devo estar quase no centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria mais ou menos 6 mil quilômetros de profundidade, eu acho...

Veja bem, Alice havia aprendido coisas desse tipo em sua sala de aula, mas, certamente não era a melhor hora para exibir seus conhecimentos, salvo pela oportunidade de praticar o que aprendeu, pois nem ouvintes ela tinha.

— Sim, essa é aproximadamente a distância certa. Mas qual a latitude e longitude que me encontro?

Alice não tinha ideia do que era latitude e longitude, mas eram palavras agradáveis de dizer.

Ela continuou:

— Será que *atravessarei* a Terra? Que engraçado seria me aventurar entre aquelas pessoas que andam de cabeça para baixo! Os Antipatias, eu acho.

Como a palavra não parecia correta, Alice estava muito contente por não ter ouvintes desta vez.

— Mas terei de perguntar-lhes qual é o nome do país, né? Por favor, senhora, estamos na Nova Zelândia ou na Austrália?

Ela tentou fazer uma reverência ao falar. Imagine fazer uma *reverência* enquanto você está caindo pelos ares! Acha que conseguiria?

— Que garotinha ignorante ela pensará que sou por perguntar! Não, não perguntarei, talvez eu encontre o nome do país em algum lugar.

Descendo, descendo, descendo. Não havia mais nada a fazer, então Alice começou a tagarelar novamente:

— Acho que Dinah sentirá muito a minha falta esta noite! — Dinah era a gata de estimação. — Espero que, na hora do chá, lembrem do seu pires de leite. Dinah, minha querida, ainda que não haja ratos no ar, eu gostaria que você estivesse aqui! Quem sabe não se entreteria caçando morcegos? Eles se parecem com ratos. *Será que gatos comem morcegos?*

A essa altura, Alice já estava sonolenta. Mas, ainda assim, continuou a falar consigo mesma, de forma sonhadora:

— Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos? — E, às vezes, alternava com: — Morcegos comem gatos?

Veja, como Alice não era capaz de responder a nenhuma das perguntas, não importava de que maneira eram feitas. Ela sentiu que estava cochilando, então começou a sonhar que estava andando de mãos dadas com Dinah. Com muita sinceridade, Alice lhe disse:

— Diga-me a verdade, Dinah, você já comeu um morcego?

Quando, de repente, *PLAFT!* Ela caiu sobre uma pilha de gravetos e folhas secas. Finalmente, tinha chegado ao fim daquele poço.

Felizmente, Alice não se machucou e se pôs de pé num instante. Olhou para cima, mas só via escuridão; diante dela havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo por ela. Não havia tempo a perder: lá se foi a menina, como o vento, rápida o suficiente para ouvi-lo dizer, ao virar a esquina:

— Ah, por minhas orelhas e meus bigodes, como está ficando tarde!

Alice estava bem atrás dele quando virou a esquina, mas então não havia mais nenhum sinal do Coelho Branco. Achou-se, então, em um salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas que pendiam do teto.

Havia portas por todo o salão, mas todas estavam trancadas. Após percorrer todo o local incansavelmente, tentando abrir cada porta que encontrava, ela caminhou triste para o meio do salão, imaginando como sairia daquele lugar.

De repente, Alice se deparou com uma mesinha sustentada por três pés, toda feita de vidro maciço. Nela, não havia nada além de uma pequena chave de ouro. A primeira coisa que Alice pensou foi que ela devia abrir uma das portas do salão, mas... *AFF!* Ou as fechaduras eram

enormes ou a chave era mesmo minúscula. Seja como fosse, a chave não abria nenhuma delas.

Subitamente, Alice notou uma cortina baixa, que cobria uma pequena porta de cerca de 40 centímetros de altura. Ela tentou encaixar a chave pequena na fechadura e, para sua surpresa, deu certo!

A menina abriu a porta e descobriu que ela levava a uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato. Então, ajoelhou-se e avistou o jardim mais lindo que já tinha visto. Como ela ansiava por sair daquele salão escuro e vagar por aqueles canteiros de flores coloridas e aquelas fontes de água fresca! Mas ela mal conseguia passar sua cabeça por ali, que dirá o corpo!

Ainda que a minha cabeça passasse pela porta, pensou a pobre Alice, de que adiantaria sem meus membros? Ah, como eu gostaria de poder me encolher como um telescópio! Se eu, ao menos, soubesse como começar.

Bom, várias coisas fora do comum vinham acontecendo, o suficiente para que ela começasse a pensar que muito pouco era, de fato, impossível.

Parecia não adiantar esperar junto à pequena porta, então ela voltou para a mesa, torcendo para avistar outra chave, ou, ao menos, um livro com um passo a passo de como encolher pessoas. Mas, dessa vez, ela encontrou uma pequena garrafa sobre a mesa.

— Estou certa de que isso não estava aqui — disse.

Preso ao gargalo da garrafa havia uma etiqueta de papel onde estava escrito BEBA-ME, em letras grandes e bonitas. Mas a pequena e esperta Alice não faria isso às pressas.

— Não, eu preciso olhar primeiro — disse ela. — Está marcado como “veneno” ou não?

Alice havia lido algumas histórias interessantes sobre crianças que foram queimadas, comidas por animais selvagens e entre outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras que seus amigos lhes haviam ensinado, como, por exemplo, que um atizador de fogo em brasa o queimarão se você o segurar por muito tempo, e que se você cortar o seu dedo profundamente com uma faca, provavelmente sangrará. Ela nunca havia esquecido que se você bebe o conteúdo de uma garrafa marcada como “veneno”, provavelmente isso lhe fará mal, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, a garrafa não estava marcada como “veneno”, então Alice se aventurou a provar. Achando muito gostoso (tinha, na verdade, uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, café e torrada quente com manteiga), logo terminou de beber.



— Que sentimento curioso! — disse ela. — Devo estar encolhendo como um telescópio.

E realmente estava: agora ela tinha cerca de 25 centímetros de altura. Seu rosto se iluminou ao pensar que agora conseguiria atravessar a pequena porta que dava passagem ao jardim encantado. Mas antes disso, Alice permaneceu ali, aguardando para ver se encolheria mais, o que despertava nervosismo.

— Você sabe como isso pode acabar, Alice — disse ela. — Pode simplesmente desaparecer como uma vela. Como deve ser?

E tentou imaginar como seria a chama de uma vela depois que esta se derrete, pois não conseguia se lembrar de já ter visto cena semelhante.

Depois de um tempo, vendo que nada mais acontecia, ela resolveu ir ao jardim; mas, pobre Alice! Quando chegou à porta, lembrou que havia esquecido a pequena chave de ouro e, ao voltar à mesa para pegá-la, descobriu que não poderia alcançá-la. Ela podia vê-la claramente através do vidro, e até tentou escalar um dos pés da mesa, mas era muito escorregadia. Quando já estava exausta de tentar, a coitadinha se sentou e chorou.

— Não adianta chorar assim! — disse rudemente para si mesma. — Aconselho você a parar agora!

Ela geralmente se oferecia bons conselhos (embora raramente os seguisse), e às vezes se repreendia tão duramente que terminava com lágrimas nos olhos. Uma vez, lembrou-se de tentar esbofetear as próprias orelhas por ter trapaceado em um jogo de croqué contra si mesma, porque esse pequeno ser curioso gostava muito de fingir ser duas pessoas. *Não adianta agora*, pensou a pobre Alice, *fingir ser duas pessoas. Ora, não há nem o suficiente de mim para fazer uma pessoa respeitável!*

Logo seu olhar pairou sobre uma caixinha de vidro que estava debaixo da mesa; ela abriu e encontrou um bolo muito pequeno, no qual os dizeres COMA-ME estavam lindamente escritos em groselha.

— Bem, eu vou comê-lo — disse Alice. — Se me fizer crescer, posso alcançar a chave; se me fizer diminuir, posso rastejar por baixo da porta; então, de qualquer maneira, entrarei naquele jardim, e não me importo com o que pode acontecer!

Alice comeu um pedaço e disse ansiosamente para si mesma:

— O que acontecerá? Vou crescer ou diminuir?

Com a mão no topo de sua cabeça para sentir a direção em que se movia, ficou bastante surpresa ao descobrir que permanecia com a mesma altura; com certeza, isso é o que geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha se empenhado tanto em não esperar nada além de coisas anormais que lhe parecia bastante monótono e sem graça que a vida continuasse igual.

Então, ela decidiu terminar de comer o bolo.



AMOSTRA





2

PISCINA DE LÁGRIMAS





Quisso tá cada vez mais esquisito! — exclamou Alice.

Ela estava tão surpresa que, por um momento, esqueceu completamente como falar de forma correta.

— Agora estou crescendo como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés!

Quando Alice fitou seus pés, eles pareciam estar quase fora de vista de tão distantes.

— Ai, meus pobres pezinhos, quem calçará sapatos e meias em vocês agora? Tenho certeza de que *eu* não conseguirei! Estarei longe demais para me preocupar com vocês, cuidem-se da melhor maneira que puderem.

Pensando bem, devo ser gentil com eles, pensou Alice, ou talvez eles não andem no caminho que eu quero! Deixe-me ver... lhes darei um novo par de botas a cada Natal.

E ela continuou planejando como faria isso.

Eles devem ser entregues pela transportadora, pensou Alice. Que engraçado, enviar presentes para os próprios pés! E como o endereço parecerá estranho!

Para: Excelentíssimo Senhor Pé Direito da Alice,

Local: Tapete

Perto do guarda-fogo,

Com amor, Alice.

— Meu Deus, que bobagem estou falando?!

Sua cabeça bateu então no teto do salão, pois, naquele momento, ela tinha mais de 3 metros de altura. Assim, imediatamente pegou a pequena chave de ouro e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que poderia fazer era deitar de lado e fitar o jardim com um olho. Àquela altura, passar pela porta estava mais

